

# ***Tá Falando Grego?!***

***Romance Infanto-Juvenil***

***de***

***Ricardo Hofstetter***

Agradecimentos

Bia Penteado

## CAPÍTULO I

### Um cara esquisito

Paulinho 'Acne' era um cara esquisito. Naquela tarde de novembro, quando estudávamos no meu quarto, tive a prova disso: “o cara é completamente maluco!”, pensei, enquanto ouvia o monte de bobagens que ele dizia que só eu compreenderia:

— Leo, garanto que vai dar certo!

A coisa que ele garantia que ia dar certo era ruim de acreditar e eu não conseguia entender por que tinha resolvido contar aquela história doida justo pra mim. Talvez porque eu fosse o único mané do colégio que ainda desperdiçava seu tempo com o Paulinho 'Acne'.

Tudo começou por causa da matemática. 'Acne' era uma anta na matéria. Aliás, era uma anta em português, física, geografia, biologia, educação física, química... Só em história se salvava, misteriosamente, era daqueles que só tirava dez. Mas no resto das matérias, especialmente em matemática, Paulinho era um perfeito animal. Tinha dificuldade até pra dividir por dez:

— A gente anda com a vírgula pra esquerda ou põe um zero à direita? — ficava sempre na dúvida.

Paulinho era calado e por fora das galeras do colégio. Não andava com o pessoal do surfe, do futebol, do teatro, do funk, nem com os CDF's, os emos ou com a tchurminha barra pesada do segundo ano. Sua turma era a galera do 'Acne', formada por ele e mais ninguém. Nunca participava das zonas que a gente armava e a maior parte do tempo parecia uma ameba assistindo televisão. Era tão esquisito que todo mundo evitava até de falar com ele. Por isso, nem pra zoar servia. 'Acne' era tão esquisito que estou há um tempão tentando descrevê-lo e acho que ainda não consegui.

A única coisa que o definia bem era seu apelido, 'Acne', por causa do monte de espinhas que tinha na cara. Ninguém se interessava por ele, muito menos eu. Quer dizer, às vezes eu sentia pena e sentava a seu lado pra conversar. Mas em cinco minutos me arrependia amargamente (já repararam que todo mundo que se arrepende, se arrepende amargamente?): 'Acne' tinha um dos papos mais chatos do mundo.

Não sei por quê, mas o cara simpaticizava comigo. Vivia atrás de mim, pedindo meu caderno emprestado, dicas de provas e querendo contar o que tinha acontecido com ele no dia anterior. Maior cilada. E, pra meu azar, chegou à conclusão de que só eu poderia salvá-lo da quase certa recuperação em matemática. Por causa das aulas de religião e aquele papo furado de que se deve ajudar o próximo, acabei topando. Mais uma vez me arrependi... amargamente.

'Acne' era tão ruim em matemática, que fomos obrigados a começar a estudar com três semanas de antecedência. E naquela tarde, dois dias antes da prova final, ele chegou lá em casa na maior agonia, com cara de quem tinha virado a noite, e contou a história que falei que era ruim de acreditar. Disse que, por causa da neura

com a prova, empilhou mais de dez livros de matemática e começou a resolver todos os exercícios que traziam. Quando acabou, três da manhã, estava trincado, ligado, e queria porque queria resolver mais problemas. Um caso típico de dependência matemática súbita. Desesperado e meio zumbi, começou a vasculhar a casa atrás de mais livros, mas não conseguia achar um que ainda não tivesse usado. Finalmente, lá pelas cinco da manhã, no antigo quarto de seu avô, descobriu um velho e grosso livro de capa dura. O livro era tão antigo que sua capa rangia quando aberto. O ranger da capa, como a trilha sonora de um filme de mistério, deu a 'Acne' a certeza de que aquele não era um livro qualquer. Era um livro diferente, esquisito, como o próprio Paulinho.

Segundo 'Acne', o livro não trazia apenas exercícios de matemática. Eram exercícios de matemática, sim, mas exercícios especiais. O livro garantia que cada problema resolvido dava à pessoa que o resolvesse poderes extraordinários, que iam de fazer chover a viajar no tempo.

No fim da história, ele perguntou o que eu achava.

— Acho melhor a gente voltar a estudar — respondi de saco cheio.

Mas Paulinho insistiu, garantindo que era tudo verdade.

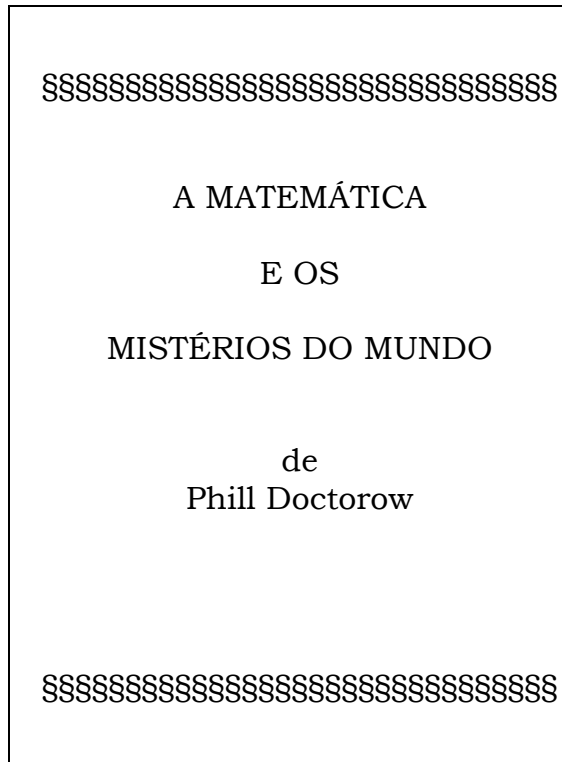
— Então me mostra a porcaria do livro! — disse eu perdendo a paciência.

Achei que a história era papo brabo e pedindo pra ver o livro ele desistiria do assunto. Mas Paulinho, como sempre esquisito, deu um pulo e correu até sua casa dizendo que voltava logo. Eu olhei pro teto e me arrependi amargamente (de novo!) de seguir os conselhos das aulas de religião.

Dez minutos depois, 'Acne' chegou com uma mochila nas costas e o livro esquisito na mão.

**CAPÍTULO II**

**Um livro esquisito**



O livro era como 'Acne': esquisito. E sua capa rangia mesmo. Os problemas não eram complicados, pelo contrário, pareciam até bem simples. Só que a resolução de cada um deles exigia que usássemos partes de nosso cérebro muito pouco usadas. O uso dessas partes que costumamos deixar de lado dava a quem resolvesse os problemas poderes inimagináveis. Era o que dizia a introdução.

Achei tudo aquilo muito doido, mas Paulinho estava com uma cara animada e pediu que déssemos uma olhada no primeiro problema. Segundo o livro, quem o resolvesse poderia voltar ao passado e era nesse poder que 'Acne' parecia mais fissurado. O enunciado mostrava um grande conjunto de equações de primeiro grau recheadas de letras gregas como  $\alpha$ ,  $\beta$ ,  $\Omega$  e  $\Psi$ , mas bastava achar os valores das variáveis e ir substituindo nas equações seguintes que chegaríamos ao resultado. Depois, era só associar a cada valor encontrado uma nota musical, conforme a relação do=1, ré=2, mi=3 etc, e tocar a melodia mostrada que o cara viajaria no tempo. Se mais pessoas quisessem viajar também, bastava participar da resolução do problema e, após a melodia ter sido executada, dar a mão a quem a tivesse tocado.

O segundo problema também era fácil e fazia exatamente o inverso do primeiro: trazia o sujeito de volta ao presente. Claro que não acreditei naquela besteirada. Se fosse verdade mesmo, todo mundo deveria conhecer o livro e teria poderes sobrenaturais. Paulinho ficou com a cara no chão e não disse nada. Perguntei o que seu avô dizia do livro, mas ele disse que não conheceu o velho muito bem.

— Ele morreu há muito tempo?

— Não. Desapareceu.

— Como assim, desapareceu?!

— Ninguém sabe o que aconteceu. Eu era pequeno, também não lembro direito. Só sei que um dia chegamos em casa e ele tinha sumido. Procuramos por semanas, meses, fomos à polícia, hospitais, casas geriátricas, necrotérios e nada. O velho evaporou no ar.

Depois da revelação, Paulinho ficou triste e me bateu uma espécie de tristeza solidária. Também não conheci nenhum de meus avôs e sempre senti uma mistura de frustração e tristeza quando lembrava que poderia ter tido pelo menos um segundo pai, que é o que os avôs costumam ser pros netos. Solidário com Paulinho, dei uns tapinhas em seu ombro, numa de dar uma força. Ele se animou e voltou ao assunto do livro:

— Pô, Leo, a gente não tá cansado de ouvir na aula de biologia que usamos menos de dez por cento da capacidade de nosso cérebro?

— E daí?

— E daí que pode ser que esses problemas façam com que essas partes paradas se mexam e a gente ganhe poderes desconhecidos mesmo.

'Acne' normalmente era um animal, mas sua ideia fazia sentido e eu não tive argumentos pra rebatê-la. Animado com meu silêncio, ele pegou uma caneta e começou a resolver o primeiro problema:

— Então vamos nessa!

Fiquei calado um tempinho, assistindo a patética cena de Paulinho 'Acne' tentando resolver um exercício de matemática. Alguma coisa começou a me dizer que ele não deveria resolver aquele problema. De repente dei um berro:

— Paaaaaaaa!

Paulinho deu um pulo e a caneta voou longe de sua mão.

— Pô, Leo, quer me matar do coração?

— Você é uma besta mesmo!

— Por quê?

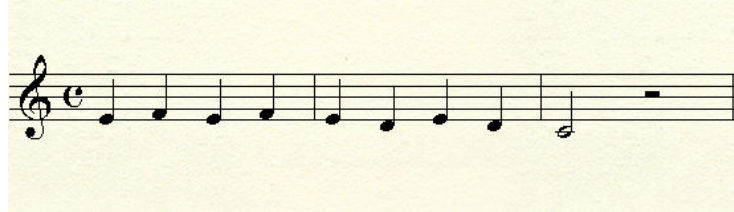
— Antes de resolver o problema que te leva pro passado, você precisa ver se sabe resolver o que te traz de volta. Senão você vai e não volta nunca mais, animal!

Um arrepio percorreu minha espinha e tive certeza de que tinha acontecido a mesma coisa com Paulinho. Estava explicado o sumiço do avô. Ele tinha resolvido o primeiro problema e esqueceu de que, pra voltar, precisaria levar o livro e algum instrumento musical com ele. Paulinho me mandou um olhar alegre e disse:

— Isso quer dizer... que eu vou poder conhecer o meu avô!

Sentamos em minha escrivaninha e começamos a resolver o problema que nos trazia de volta ao presente, um problema trabalhoso, mas também fácil. Depois de cinco minutos estava resolvido. A melodia escrita no livro era:

Tínhamos chegado aos valores  $\alpha = 3$ ,  $\varphi = 2$ ,  $\beta = 1$  e  $\Psi = 4$ . Substituindo os valores e transpondo pra notação musical chegamos a:



Peguei minha gaita e toquei. Era fácil.

— Se esse negócio funciona mesmo, nossa volta está garantida — disse pra 'Acne'.

— Agora vamos ao que interessa — respondeu Paulinho todo animado, já pegando o livro pra resolver o primeiro problema.

Não deixei:

— Antes a gente precisa copiar esse problema num papel e colocar no bolso.

— Por quê?

— Porque se a gente for mesmo pro passado, pode ser que o livro não vá junto. E aí como é que a gente vai lembrar o problema de cor?

'Acne' deu um sorriso:

— Cara, tu é um gênio!

Pegou uma folha, copiou o problema e a melodia, dobrou o papel em quatro e guardou no bolso da calça.

— Tudo pronto. Vamos nessa!

— Ainda não — eu disse.

— Pô, Leo, tá com cagaço? — reclamou 'Acne'.

Eu estava com cagaço, sim, mas minha ideia fazia sentido:

— Se a gente vai mesmo viajar no tempo é bom levar umas coisinhas. A gaita, claro, minha agenda eletrônica, uma caneta, folhas de papel, um canivete suíço, fósforos...

— Uma lanterna de bolso, uma bússola, uma máquina de fotografia digital e uma impressora portátil de fotos, um pen-drive-gravador de voz — acrescentou 'Acne', abrindo sua mochila e mostrando um monte de quinquilharias lá dentro, incluindo um livro de história e um mapa do mundo.

— Livro de história e mapa do mundo pra quê?!

— Sabe lá em que lugar nós vamos parar? — respondeu 'Acne' mostrando total confiança de que aquela bobagem ia dar certo.

Quando começamos a resolver o primeiro problema, a campainha da porta tocou e logo depois ouvi os gritos de minha mãe:

— Leonardo! É a Tatiana!

Gelei. Segundos depois Tatiana batia na porta do meu quarto e o meu coração disparou.

## CAPÍTULO III

### Uma gata nada esquisita

Abri a porta e Tatiana entrou. Entrou não, adentrou, que Tatiana era tão gata que nunca entrava: adentrava. Tatiana adentrou em meu quarto e fez uma cara surpresa ao ver Paulinho 'Acne' sentado em minha escrivaninha.

— Eu vim ver o DVD, Leo. Esqueceu?

Dei um tapa na testa que até o 'Acne' achou esquisito. Tatiana era minha paixão no colégio. Morena de cabelos lisos, longos e negros, tinha um corpo maravilhoso e um rostinho de havaiana assustada que me deixava perdido. Malhava muito, levava uma vida supersaudável, corria e já tinha, inclusive, participado de várias maratonas. Enfim, uma deusa morena, maravilhosa e saudável. Bastava olhar pra ela que meu coração disparava. Cansei de fazer papel de bobo na sua frente no colégio.

Eu convidava Tatiana pra tudo. Festas, lanches, cinemas, praias, mas ela nunca aceitava porque sempre tinha um namorado ou um encontro já marcado. No colégio, na véspera daquela tarde esquisita com Paulinho, tentei de novo:

— Vamos assistir um DVD lá em casa amanhã de tarde?

Tatiana fez uma cara esquisita e, pra não ouvir outro não, corri, dizendo que estava atrasado. Achei que ela tinha me dado mais um toco e esqueci do convite. Mas pelo jeito ela tinha aceitado. Só que agora estavam no meu quarto, um ao lado do outro, Tatiana, minha deusa havaiana, e Paulinho 'Acne' e seu livro esquisito. Minha vontade era transformar Paulinho no que ele era de verdade, uma acne, e espremê-lo até que desaparecesse do meu quarto. Mas Paulinho, mostrando uma desenvoltura com garotas que eu não imaginava que tivesse, começou a explicar a história do livro a Tatiana, enquanto eu assistia a cena apatetado.

No fim da explicação, Tatiana me olhou com um sorriso amarelo no rosto, como se perguntasse se o cara tinha pirado.

— Não sei se é verdade — respondi sem graça — era o que a gente ia descobrir quando você adentrou.

— Adentrou?! Que isso?

— Nada... eu quis dizer entrou...

Pra meu espanto, Tatiana se animou:

— Então vamos ver se funciona — e sentou ao meu lado na escrivaninha, roçando levemente sua coxa em minha perna.

Começamos os três a resolver o problema. Como era gostoso aquele problema de matemática! A coxa de Tatiana roçava levemente na minha e tudo o que eu queria era que ele não terminasse jamais. O leve roçar das pernas de Tatiana estava tão bom que errei os cálculos três vezes e três vezes 'Acne' me corrigiu. Vejam o que uma garota pode fazer com um ser humano: ser corrigido três vezes pelo animal do Paulinho 'Acne'! No terceiro erro, resolvi me concentrar, antes que Tatiana me achasse uma besta completa e pensasse que 'Acne' é que era o inteligente no



quarto. Tomei a dianteira e fui resolvendo tudo rapidamente, o que fez Tatiana sorrir:

— Nossa, como você é fera em matemática, Leo!

O elogio e o sorriso lindo de havaiana assustada de Tatiana quase me fizeram perder o rumo novamente. Mas segurei a onda e fui até o fim. Chegamos aos valores  $\alpha = 2$ ,  $\varphi = 3$ ,  $\beta = 4$ ,  $\Omega = 5$ ,  $\mu = 6$  e  $\Psi = 7$ . Fizemos as substituições e escrevi a melodia num papel:



Peguei a gaita e me preparei pra tocar. Mas antes lembrei de escrever um bilhete:

Mãe,  
Fui dar uma viajada no tempo. Volto logo.  
Beijos do seu filho amado,  
Leonardo

Tatiana e 'Acne' riram do bilhete e me apressaram:

— Toca logo, Leo.

Peguei a gaita solenemente e a levei até a boca bem devagarinho. Tatiana tentou prender o riso, mas acabou deixando escapar uma risada que indicava que não estava acreditando nem um pouco naquela história. Enchi os pulmões, dei um último olhar pro rosto lindo de Tatiana e toquei a melodia. Quando acabei, tirei a gaita da boca e esperei. 'Acne' e Tatiana me deram as mãos e ficaram me olhando com curiosidade. A mãozinha de Tatiana na minha era uma delícia, mas nada acontecia. Já ia expulsar Paulinho do quarto pra ficar sozinho com Tatiana, quando uma coisa estranha começou a acontecer. Senti um forte enjoo, comecei a ver tudo branco e a última coisa que lembro foi tentar dar um beijo nos lábios deliciosos de Tatiana.

## CAPÍTULO IV

### Caraca, deu certo!

Quer dizer, eu ainda não sabia se tinha dado certo. Mas aquele morro na beira do mar onde estávamos não era mais o meu quarto. Isso dava pra ter certeza. O mar azul fez Tatiana exclamar:

— Que lindo!

'Acne' fez uma cara de nojo pra Tatiana e me perguntou onde a gente estava.

— Sei lá.

— Olha aí na bússola e compara com o mapa do mundo — sugeriu 'Acne'.

Foi o que fiz. Se meus cálculos estavam certos a gente devia estar na... Grécia!

— Grécia?! — gritou Paulinho, com uma cara entre o susto e a felicidade — Foi pra cá mesmo que eu fiz força pra vir.

— Fez força?! Como assim?! — perguntei.

— Eu não contei pra vocês, mas o livro dizia que se a gente mentalizasse a época e o lugar pra onde queríamos ir, acontecia.

Olhei pra Tatiana, que olhou pra mim. Depois olhamos feio pro 'Acne'.

— Você podia ter avisado a gente disso!

— Pô, faz alguma diferença pra vocês chegar na Grécia antiga ou em Roma? Faz?

Eu dei de ombros e Tatiana também.

— Mas em que ano estamos? — quis saber Tatiana.

— Eu não especifiquei bem a data. Só pensei em Grécia antiga... alguma coisa entre 700 e 300 AC — respondeu Paulinho.

— Bom, então vamos descobrir em que ano estamos e se isso aqui é mesmo a Grécia — eu disse.

Estávamos num morro alto, sem vegetação, chão de terra e sem nada em volta. Tudo que podíamos ver era o mar azul batendo nas pedras lá embaixo e muitos morros em volta. Lá longe avistamos alguma coisa que parecia uma estrada e fomos pra lá. Ficamos na dúvida em que sentido seguir: direita ou esquerda? Paulinho se abaixou e começou a olhar o chão. Disse que havia pegadas de homens e animais pra todos os lados, mas tinha um número maior pra direita.

— Então é pra lá que vamos — eu disse.

Caminhamos durante umas três horas debaixo de um sol quente e não vimos viva alma. Será que tínhamos caído no meio de um deserto na beira do mar? Depois de algum tempo avistamos lá longe alguém que se aproximava. Por causa da distância ainda não dava pra ver quem ou o quê, mas com certeza vinha na mesma estrada, na nossa direção. Apertamos o passo e agora já podíamos ver um homem com uma espécie de túnica branca puxando um animal de carga que podia ser um cavalo ou um burro. Quando nos aproximamos vimos um cara de sandálias, vestindo aqueles trajes gregos que a gente está acostumado a ver nas fotos dos livros de história. Paulinho parou o viajante, que nos olhava com uma cara esquisita, e perguntou:

— Aí, meu irmão, aonde é que vai dar essa estrada?

O grego mandou um olhar esquisito pro Paulinho e começou a falar uma língua que não entendíamos. Como vi que com palavras não conseguiríamos nos entender, mostrei ao cara o mapa do mundo que Paulinho tinha trazido e apontei pra Grécia, perguntando se era ali mesmo que estávamos. O cara olhou pro mapa como se estivesse vendo o demônio pelado na sua frente. Desisti do mapa e optei pelos gestos. Apontei pra frente e fiz uma cara de dúvida, como se perguntasse o que tinha naquela direção. O grego ficou olhando pra mim e pensou durante um tempo. Depois apontou na mesma direção e disse:

— Atenai.

Imaginei que "Atenai" poderia ser o nome da cidade de Atenas em grego arcaico. Mas como ter certeza? Tive uma ideia. Peguei da mochila de 'Acne' o livro de história e abri numa página que tinha uma foto do que sobrou do Partenon e mostrei ao cara. Ele abriu uns olhos enormes e saiu correndo, gritando um monte de palavras que não entendíamos.

Refeitos do susto, continuamos nossa caminhada e em mais três horas avistamos ao longe umas construções. Quando chegamos mais perto tivemos certeza. Em cima de um morro, majestoso como nas fotografias dos livros de história, estava o Partenon e seu mármore branco reluzindo ao sol do final da tarde. Paulinho começou a pular e dar cambalhotas de felicidade gritando:

— Atenas! Estamos em Atenas!

Tatiana riu de Paulinho e eu aproveitei pra passar meu braço sobre seus ombros. Ela segurou minha mão e sorriu preocupada:

— Parece que tamos na Grécia antiga mesmo. E agora, Leo?

...